

A VISUALIDADE DOS ATLAS GEOGRÁFICOS ESCOLARES BRASILEIROS E A IDEOLOGIA VISUAL DO PERSPECTIVISMO

The visibility of Brazil's geographical school atlases and the visual ideology of the perspectivism

La visibilidad de los atlas geográficos escolares brasilenõs y la ideología visual del perspectivismo

Valéria Cazetta

Doutora em Geografia

Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH

Universidade de São Paulo - USP

e-mail: vcazetta@gmail.com

Resumo

Abordarei neste texto o emprego de imagens menos codificadas (fotografias comuns, fotografias aéreas oblíquas e verticais e imagens orbitais) que passaram a compor os atlas geográficos escolares publicados a partir da década de 1990. Mas o que estas obras educativas trariam de novo ao empregarem linguagens menos codificadas em sua composição imagética? É importante ressaltar que estas outras imagens, principalmente a fotografia, compuseram antes nossa educação visual, sem mencionar as imagens orbitais oriundas de plataformas virtuais, as quais passaram a ser amplamente inseridas tanto em livros didáticos quanto em atlas geográficos escolares. Assim, qual o papel destas imagens nos atlas? Elas são inseridas para dar visualidade a que temas, mapeados?

Palavras-chave: atlas geográficos escolares, educação visual, ensino de geografia



Abstract

I discuss in this paper the use of less coded images (ordinary photography, oblique and vertical aerial photographs and satellite images) that were included in the school geographical atlases had published from the 1990's. What these educational works based on new languages connected with less coded imagery in its composition bring? It is important to say that these other images, especially photography, are part of our visual education, as well the satellite images coming from virtual platforms, which had been inserted both in textbooks and in on the scholar atlas. In this direction, we ask the role these images in the atlas and which kind of theme they illustrated.

Key-words: school geographical atlases, visual education, scholar geography

Resumen

En este trabajo, yo discuto el uso de imágenes menos codificados (fotografía normal, fotografías aéreas oblicuas y verticales e imágenes de satélite) incluidos en el atlas geográficos de la escuela, que fueron publicados desde la década de 1990. Lo que de novedad estas obras educativas basadas en los nuevos lenguajes relacionados con las imágenes menos codificada en su composición imagetica podrían traer? Es importante decir que estas otras imágenes, especialmente fotografías, son parte de nuestra educación visual, además de las imágenes de satélite procedentes de plataformas virtuales, que habían sido introducidos tanto en los libros de texto y en los atlas escolares. En este sentido, nos preguntamos el papel que estas imágenes en el atlas y el tipo de tema que se ilustra.

Palabras clave: atlas geográficos escolares, educación visual, geografía escolar



Introdução

Este texto integra o conjunto de investigações que venho desenvolvendo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) em uma das linhas de pesquisa, na qual atuo: *educação geográfica e estudos culturais*.

Abordarei neste texto o recente emprego de imagens menos codificadas que compõem juntamente com mapas, os “novos” atlas geográficos publicados a partir da década de 1990. A escolha que fiz, neste texto, em escrever sobre os atlas escolares se deu a partir da disciplina “As imagens geográficas na formação do professor de Ciências” que ministro para o curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da EACH-USP, quando realizei uma pesquisa sobre a inserção de fotografias e imagens orbitais nos atlas geográficos escolares do Brasil. Meu objetivo aqui é tomar essas obras humanas, levando-se em consideração o contexto

cultural no qual estamos inseridos que é o da profusão de imagens acerca dos lugares do mundo.

Outrora, os atlas geográficos escolares eram compostos basicamente por mapas em pequenas e médias escalas que abrangiam desde o território nacional até os seus respectivos estados. Era necessário abarcar quase tudo, dar a ver por meio da linguagem cartográfica, o mundo e o Brasil com suas regiões e respectivos estados. A imaginação espacial de cada pessoa a depender do repertório cultural, terminaria por complementar estes mapas, cujas legendas eram suas “portas de entrada” para estas geografias planas, lisas e contínuas. Os mapas constituem parte de uma linguagem que precisa ser decodificada, esmiuçada e alargada para além das linhas, pontos e áreas por ela apresentadas; não estou querendo dizer com isto que as fotografias encontradas nos atlas estejam a criar “aberturas para o novo”, mas podem rasurar as imaginações es-



paciais já consolidadas, dependendo do tipo de mediação a ser realizada pelo professor seja ele da educação básica, seja ele da educação superior.

Nos atlas publicados recentemente, outras imagens foram integradas aos mapas além das fotografias comuns e das fotografias aéreas oblíquas e verticais, isto é, as imagens orbitais. Se antes tínhamos somente os mapas e sua suposta objetividade, dada pela linguagem monossêmica oriunda da teoria da Semiologia Gráfica, nos dias atuais, linguagens menos codificadas foram amalgamadas a eles, principalmente, por meio de plataformas virtuais como o *Google Earth* ou o *Google Maps*. Nos Atlas, cujas primeiras edições não se empregavam fotografias entre outros tipos de imagens, agora os seus editores assim o fazem. Mas o que estas obras educativas trariam de novo ao empregarem linguagens menos codificadas em sua composição imagética? É importante ressaltar que estas outras imagens, principalmente a fotografia, compuseram antes nossa

educação visual, sem mencionar as imagens orbitais oriundas de plataformas virtuais. Ou seja, os editores dos atlas só postergaram sua inserção. Assim, qual o papel destas imagens nos atlas? Elas são inseridas para dar visibilidade a que temas, mapeados?

No quadro 1 apresento os atlas analisados, sendo contemplados somente aqueles que trazem fotografias (comuns e fotografias aéreas oblíquas) e imagens de Sensoriamento Remoto (fotografias aéreas verticais e imagens de satélite), as quais são empregadas para dar visibilidade aos mapas temáticos relacionados aos assuntos: vegetação, hipsometria (mapas físicos), hidrografia, população, urbanização, geologia e uso da terra ou uso do solo. Geralmente as fotografias empregadas são aquelas de um ponto de vista frontal e as fotografias aéreas oblíquas coloridas. Por que não foram utilizadas também fotografias comuns e em escala grande para apresentar os assuntos dos mapas temáticos acima citados? Escolhas dos editores, provavelmente.



Quadro 1. Atlas geográficos analisados

Título	<i>Atlas Geográfico: espaço mundial</i>		<i>Atlas: Mundo atual</i>	<i>Novo Atlas geográfico do estudante</i>	<i>Atlas geográfico escolar</i>	<i>Geoatlas</i>
Autores	Graça Maria Lemos Ferreira		Vincenzo Raffaele Bochicchio	Gisele Girardi e Jussara Vaz Rosa	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Maria Elena Simielli
Editora	Moderna		Atual	FTD	IBGE	Ática
Edição	1ª	3ª	1ª	1ª	4ª	19ª e 33ª
Ano	1998	2010	2003	2005	2007	1996; 2011
Número de páginas	96	208	144	160	216	112; 184
Número de fotografias	45	96	163	121	63	70
Número de imagens (Sensoriamento remoto)	02	44	01	44	02	48
Total de imagens	47	140	164	165	65	118

Elaboração: Cazetta, 2012.



Ideologia visual da perspectiva e a educação do olho

Atravessamos uma época na qual as imagens difundem-se de modos os mais diferentes possíveis, havendo a convivência tanto daquelas produzidas em condições mais artesanais, analógicas, quanto de imagens produzidas em circunstâncias tecnológicas mais sofisticadas como, as imagens orbitais. Poderíamos dizer de uma contemporaneização imagética, embora nem sempre solidária, pois geralmente quando algo novo “novo” é criado, ele vem em detrimento do “velho”. De qualquer modo é interessante destacar a convivência destas linguagens todas, pois cada uma a sua maneira tem potencialidades, bem como limites – insolúveis, porque cada linguagem possui suas especificidades quando de sua produção. A idéia aqui não é apontar os limites delas, mas, sim, movimentar o pensamento para que elas funcionem mais como rasuras no pensamento

espacial do que como impossibilidades no trato de questões que porventura possam figurar mais no campo da geografia.

E se fossem inseridas, nestas obras educativas, fotografias muito distintas daquelas que estamos acostumados ver? Imaginem os possíveis estranhamentos diante de imagens com as quais não estaríamos familiarizados. O fato é que a educação visual acostumou, em nós, certos padrões imagéticos. Desta maneira, os estereótipos e os clichês¹ não deixam de ser **uma imagem** descritiva do mundo, mas “uma imagem através da qual o mundo está sendo feito” (Massey, 2008, p. 24), para que este se torne, a nós, o mais familiar, natural e homogêneo possível.

Parto do pressuposto de que as imagens inseridas, no caso, nestas obras são fruto de

1 Tomo aqui o significado desta palavra vinculado à “Ideia, expressão muito repetida; lugar-comum; chavão”, embora haja outros tais como: “Placa de metal gravada em relevo com textos ou imagens para serem impressos por prensa tipográfica”; “Texto ou imagem obtidos por esse tipo de impressão”; “Negativo fotográfico”; “Cada uma das tiragens (às vezes, com modificações) da mesma edição de um jornal” (AULETE DICIONÁRIO DIGITAL).



escolhas não somente dos seus autores/as, mas em grande medida daquelas realizadas e efetivadas pelos *designers* gráficos, os quais elegem imagens, oriundas dos bancos de dados disponibilizados na internet, refratárias a **uma** versão da geografia brasileira e de sua diversidade. Parto da hipótese de que estas imagens estariam a ratificar certos estereótipos acerca das geografias brasileiras – apresentadas nos mapas temáticos. Cabe lembrar que na maioria das vezes os autores nem tomam conhecimento das escolhas que são realizadas pelos *designers* gráficos, que por sua vez, também nunca pararam para refletir sobre suas preferências imagéticas quando da apresentação de *informações em imagens*, neste caso, nas obras educativas. Assim, teríamos uma *educação do olho* (Miranda, 2001) em curso, fruto da *ideologia visual da perspectiva*, isto é, aquela “do ponto de vista único e centralizador desse aparato geométrico que está por todo lado, também na organização do

poder” (Almeida, 2012, p.66).

Para entender essa ideologia visual, torna-se necessário pensar acerca da educação visual que tem nos educado. Para tanto, seguirei por dois caminhos. No primeiro, abordarei a *ideologia visual da perspectiva* que diz respeito à criação do ponto de vista único e centralizador desse aparato intelectual e técnico (Almeida, 1999 e 2012). No segundo, apontarei com o auxílio de Carlos Eduardo Albuquerque Miranda (2001), a *educação do olho* em curso – fruto da *ideologia visual da perspectiva*.

Sobre a *ideologia visual da perspectiva* que tem educado nosso olho há séculos, Milton José de Almeida (1999 e 2012) nos ensina que esta não se trata apenas de uma questão visual, ou geométrica, mas espraia-se para o nosso modo político de viver, configurando também a estrutura psicológica e política dominante do período atual. A *perspectiva* trata-se de uma teoria que resulta de estudos, sobre a visão humana, desenvolvidos ainda na época da Re-



nascença, mas que “passa a dominar como estrutura básica de representação visual vista como natural. Uma estrutura política e estética também presente, hoje, na ideologia técnica dos aparelhos de captação de imagens do ‘real’” [...] (Almeida, 1999, p. 129).

Este autor ao lançar mão da *perspectiva* realiza seu combate em dois flancos: apresentar o funcionamento das câmeras foto-vídeo-cinematográficas (construídas a partir da perspectiva); e sua vinculação com a produção de *informações em imagens* que geralmente tendem a representar **um** ponto de vista como sendo o de muitas pessoas, como o fotógrafo. “Ali só cabe um dedo, e não dedos coletivos..., porém um fotógrafo pode fotografar algo de um ponto de vista supra individual, e sua foto representar um ponto de vista de muitas pessoas” (Almeida, 2012, p.63). Temos aí a *perspectiva da ideologia visual*. Desta maneira, as linhas da *perspectiva*, pensada como ciência e objetivamente produzida para aprisionar a

realidade, reproduzi-la

e afirmar-se como sua única e competente representação, [...] tecerão uma malha firme sobre a realidade visual, religiosa e política e oferecerão aos poderes uma caixa de ilusão geométrica para a construção de suas genealogias e mitos (Almeida, 1999, p.123).

Por isso, Carlos Eduardo Albuquerque Miranda (2001) irá dizer que a produção industrial de imagens e sons em movimento integra, na verdade, parte de um programa de educação visual, que é anterior “ao desenvolvimento tecnológico do século XIX, necessário para a consolidação da cultura industrial” (Miranda, 2001, p.30). O que é próprio e específico do século XIX é o *olhar* por meio de aparelhos que, por sua vez, mudaram as formas de visibilidade do real, lembrando que este olhar não é uma novidade do XIX, mas a possibilidade de produzir e reproduzir imagens a partir de aparelhos em escala industrial, sendo esta uma de suas características específicas, afinal,



é o século da fotografia e do cinema (Miranda, 2001).

Deste modo, o *layout* das páginas dos atlas é editado a partir destas duas linguagens: fotografia e mapa, porque o regime de visualidade das fotos “como prova de realidade é mantido em nós também pela profusão das ‘provas visuais’ que as fotografias dão da existência das coisas-dos-lugares-do mundo” (Oliveira Jr., 2009, p. 10), configurando junto com os mapas temáticos do Brasil um programa visual a partir da ideologia visual da perspectiva – “teoria desenvolvida a partir do ponto de vista de um olho só como ponto de convergência de linhas imaginárias do mundo sensível, devolve essas linhas em formas do real imaginado por ela mesma” (Almeida, 1999, p.131).

As realidades das fotografias e imagens de satélite

Para o que discutirei neste texto e ancorada

nos estudos de Boris Kossoy (2002 e 2007) acerca da fotografia, tomei esta linguagem tanto “como uma *representação a partir do real*” quanto “um *documento do real*, uma fonte histórica”. Nos atlas geográficos (escolares ou não), as fotografias são empregadas com esta dupla função. Embora as miradas (enquadramentos fotográficos) selecionadas para comporem os atlas sejam obtidas a partir de escolhas que os fotógrafos realizam quando do enquadramento daquilo que se denomina *real* num dado espaço e tempo, elas apresentam, ao mesmo tempo inúmeras possibilidades acerca do que seja o *real*. Isto integra o processo de construção da imagem fotográfica. “O dado do real, registrado fotograficamente, corresponde a um produto documental elaborado cultural, técnica e esteticamente [...]” (Kossoy, 2002, p. 34-35).

As fotografias são também empregadas nos atlas para se preservar a memória coletiva nacional por meio de uma “documentação



fotográfica de seus monumentos, arquitetura, de suas vistas e paisagens urbanas, rurais e naturais, de suas realizações materiais, de sua gente, de seus conflitos e de suas misérias” (Kossoy, 2007, p.132). Daí decorre algo interessante de se pensar no que se refere aos tempos da fotografia: o *tempo da criação* e o *tempo da representação*. O tempo da criação, também chamado de *primeira realidade*, trata-se do momento em que a fotografia foi obtida no passado, ou seja, “a primeira realidade é a realidade do assunto em si na *dimensão da vida passada* [...] É também a realidade das ações e técnicas levadas a efeito pelo fotógrafo diante do tema” (Kossoy, 2002, p. 36). O *tempo da representação* ou *segunda realidade* nada mais é do que a imagem fotográfica obtida de modo que “toda e qualquer fotografia que vemos, seja o artefato fotográfico original obtido na época em que foi produzido, seja a imagem dele reproduzida sobre outro suporte ou meio [...] será sempre uma *segunda reali-*

dade” (Kossoy, 2002, p.37).

São estes dois tempos que nos interessam também nas fotografias dos atlas. Enquanto nos mapas dos atlas analisados por nós, há geralmente indicação do ano e a fonte dos dados utilizada para se confeccionar os mapas, nas fotografias há somente menção ao banco de dados que forneceu as fotografias. As fotografias nos atlas não são datadas. De uma estética panorâmica adensam tempo e espaço, supostamente, como ícones dos lugares sejam em suas manifestações culturais, sejam em suas manifestações materiais oriundas do modo de produção capitalista. Mas, e as fotos não precisam mais ser datadas, referenciadas no tempo?

De acordo com Boris Kossoy sabemos do tempo histórico da criação em função do tempo da representação.

O tempo da criação se refere ao próprio fato, no momento em que este se produz, contextualizado social e culturalmente. É, no entanto, um momento



efêmero, que desaparece, volatiliza-se, está sempre no passado, insistentemente. No tempo da representação os assuntos e fatos permanecem em suspensão, petrificados eternamente, perpétuos se conservados: peças arqueológicas, cuja poeira do tempo removemos cuidadosamente, na tentativa de descortinarmos as sucessivas camadas que constituem sua espessura histórico-cultural, sua memória (Kossoy, 2007, p.134-135).

Sob o artifício da evidência documental é que o sistema de representação ancora-se, colando a fotografia àquilo que chamamos de “mundo real”. Mas, Kossoy (2007) nos adverte: se por um lado a evidência documental comprova os tempos da fotografia, por outro ela não pode atestar a veracidade daquilo que vemos na imagem. Este mesmo autor ainda afirma que basta nos lembrarmos das técnicas e métodos de identificação, chancelados sob o manto da cientificidade, utilizados pela polícia no começo do século XX – momento no qual a fotografia foi considerada “testemunho fidedigno” ou “prova do crime” nas perícias poli-

ciais. A evidência fotográfica

pode ser forjada de acordo com determinados interesses: da polícia, da mídia, do Estado [...] O objeto da representação pode ser expressivamente alterado em sua aparência de modo que a foto resultante nada mais tenha em comum com o modelo [...] É em função da (pseudo)imparcialidade da câmara que a fotografia se prestaria para legitimar certas ‘tradições inventadas’. Segundo Hobsbawm, ‘por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma ‘continuidade artificial’ em relação ao passado, posto que estamos falando em ‘tradições inventadas’ (Kossoy, 2007, p.138).

Por isso que as primeiras e segundas realidades das fotografias nos atlas me interessam aqui. Parece que a escolha de quais delas comporão o programa visual fotográfico-cartográfico dos atlas é atravessada pelo desejo de perpetuar imaginários acerca do que seja e deve ser o Brasil e suas cinco regiões por



meio de imagens (fotografias e mapas) que legitimem o espaço como “uma superfície plana, uma superfície contínua. O espaço como o produto pronto e acabado. Como um sistema fechado coerente. Aqui o espaço está completa e instantaneamente interconectado, espaço que se pode atravessar” (Massey, 2008, p.159). A maneira como os editores dos atlas geográficos (outrora somente cartográficos) têm incorporado as fotografias poderia significar uma ratificação e intensificação no hábito de se pensar o espaço como uma superfície lisa, desprovida de história?

Espaços ficcionais produzidos por meio de imagens em atlas geográficos: fotografias e mapas

Boris Kossoy (2002, 2007) e o filósofo argentino Eduardo Pellejero (2009) nos ensinam que é possível construir verdades e realidades a partir de ficções por meios das quais adquirem força documental os mitos políticos, os estere-

ótipos e os mais diversos tipos de preconceitos. Kossoy afirma que

poderíamos falar da imagem enquanto representação do mundo e enquanto objeto do mundo da representação. De um lado, a iconografia ‘verdade’; de outro, também a iconografia, porém acrescida de componentes ficcionais, ou de outras verdades. A primeira se refere a uma memória engendrada pela vida; a segunda a uma memória in vitro, sintética, uma máscara sem rosto, sem um tempo histórico, independente da Natureza (Kossoy, 2007, p.139).

Pellejero, por sua vez, afirma que

pôr a ficção no lugar da verdade, contudo, não é desfazer-se da verdade em si, não é negar o seu valor para a vida; é simplesmente, afirmar que a verdade é segunda, que não está dada mas deve ser criada, que não é princípio mas produto, produto de um trabalho criativo e ficcional, subjacente a todo o pensamento preocupado em agenciar o múltiplo (histórico, social, cultural, libidinal) [...] Não se pode governar com a pura coerção, que uma das funções básicas do Estado é fazer crer – a construção de ficções. Isto é, não se pode exercer o poder apenas pela coerção; é necessário fazer com que as pessoas acreditem que certa coerção



é necessária para a vida [...] Uma das funções do Estado é a produção de ficções adequadas à sua reprodução (Pellejero, 2009, p.12-16).

É interessante pensar no caso das fotografias e mapas dos atlas se estes não comporiam uma série de ficções para produzir uma idéia de Brasil e de suas regiões. E aqui abro parênteses para dizer que o domínio, no que no se refere à elaboração de documentos cartográficos, sempre estive sob os cuidados de instituições militares – vinculadas aos Estados Nacionais. Mas trataremos disso em outro momento.

Convém lembrar que tanto Kossoy quanto Pellejero entendem as ficções como criações humanas a serviço de nossos desejos (individuais e coletivos). No caso das fotografias e dos mapas, eles não são documentos inócuos. A imagem fotográfica, por exemplo, não consiste num simples registro físico-químico ou eletrônico do objeto fotografado, mesmo porque “qualquer que seja o objeto da documen-

tação não se pode esquecer que a fotografia é sempre uma representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia” (Kossoy, 2002, p.51-52).

Os bancos de imagens que apresentam as fotografias nos atlas escolares geográficos

As fotografias nos atlas são oriundas de banco de imagens disponibilizados na internet, sendo que em alguns sites é possível fazer o *download* delas gratuitamente; em outros há marca d’água (textos ou imagens que aparecem sob a imagem ou texto de algum tipo de documento) nas fotografias, ou seja, a obtenção da imagem, supostamente, terá um custo. No quadro 2, apresento os bancos de dados das imagens, neste caso, das fotografias utilizadas pelas editoras dos atlas. Se navegarmos por eles teremos uma quantidade e



Quadro 2: Bancos de imagens utilizados pelas editores dos atlas geográficos

ATLAS/AUTORES	BANCO DE DADOS	
Atlas Geográfico: espaço mundial (Graça Maria Lemos Ferreira)	1ª Edição Abril Imagens Angular Banco de Imagens/Editora Moderna Earth Satellite Corporation/SPL-Stock Photos Fabio Colombini Keystone Pulsar Reflexo The Image Bank Vanessa F. Merino W.S./Kino Fotoarquivo	
Atlas Mundo atual (Vincenzo Raffaele Bochicchio)	Abril Imagens AFP Angular Contexto Corbis DPA EyeUbiquitous EyeWire Fabio Colombini FPG Geostock Getty Images Imaginatta Jafza Keystone Kino Fotoarquivo Liaison	N Imagens N. Otty Photodisc Photolink Pictor Brasil Pulsar Reflexo Reuters NewMedia Inc Scriba Stock Photos Stone Titular Tony Stone Tyba Viegas Photos Zefa



ATLAS/AUTORES	BANCO DE DADOS	
Novo Atlas geográfico do estudante (Gisele Girardi e Jussara Vaz Rosa)	AFP/Getty Images AGE/Keystock Agência RBS Bohemian Nomad Picture-makers Corbis/Stock Photos Corel Stock Photo Editora Abril Fabio Colombini Folha Imagem Frans Lemmens/Image Bank/ Getty Images Getty Images José Abraão S. Coelho	Manoel Novaes NextFoto Olhar Imagem PhotoDisc Pulsar Rex Features/keystone Studio R SuperStok Taxi/Getty Images Time Life Pictures/Getty Images TopFoto/Keystone
Atlas geográfico escolar (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)	Embrapa Embratur IBGE NASA National Geophysical Data Center (NGDC) Projeto Brasil das águas Shutterstock	



ATLAS/AUTORES	BANCO DE DADOS	
Geoatlas (Maria Elena Simielli)	Album/AKG-Images/Latinstock Australian Centre for remote sensing (ACRES) Brazil Image bank Centre National D'Etudes Spatiales Corbis/LatinStock Digital Globe/Google EarthSat Editora Abril Editora Abril Engesat European Space Imaging/ Geoeye Fabio COLombini FolhaImagem Fotolab Getty Images INPE	Kino.com.br Masterfile/Other Images NASA/ASTER/SPACEPHOTOS/IMAGEPLUS Nextfoto Olhar Imagem Opção Brasil Imagens Pulsar Imagens Science Photo Library/Latinstock Science Photo Library/Stock Photos Space Imaging Terra-MODIS/AQUA-GSFC Terra-MODIS-GSFC The Bridgeman Art Library U. S. Geological Survey Wikimedia Commons www.astro.washington.edu

Elaboração: Cazetta, 2012.



diversidade enorme de fotografias. Tomei um destes sites, o de Fabio Colombini (www.fabio-colombini.com.br), considerado por ele mesmo “fotógrafo de natureza”, e inseri no campo “pesquisa de imagens” a palavra cerrado, por exemplo.

Para minha surpresa foram encontradas 1866 fotos sobre a referida temática. Interessante refletir sobre o cerrado, partindo de algumas possibilidades fotográficas apresentadas por um recorte da página do *site* (Figura 1), de modo que alguns destes enquadramentos fogem completamente da ficção apresentada nos atlas analisados sobre este tipo de vegetação. Poderíamos espriar este raciocínio para outros tipos de temáticas apresentadas nas obras educativas analisadas. Considerando o grande número de enquadramentos fotográficos disponibilizados pelos bancos de dados destes sites, pergunto, então, por que os editores costumam optar pela fotografia/imagem estereótipo? Seria para não desa-

costumar nossa educação visual, tributária da ideologia visual do perspectivismo? Deste modo, nosso sentimento do que seja o cerrado estaria associado mais ao nosso sentimento de familiarização do que propriamente às inúmeras linhas de fuga que este tipo de conhecimento sugere via fotografia, conforme se pode ver neste site. Mas caso fossem empregadas, nestas obras educativas, fotografias da vegetação de cerrado muitos diferentes daquelas com as quais estamos acostumados a ver, poderia correr-se o risco de serem menos reais ou verdadeiras do que aquelas já tornadas familiares pelo uso.

A seguir abordo como as fotografias e imagens foram empregadas em cada um dos atlas analisados.



306



Figura 1

Fonte: <http://www.fabiocolombini.com.br/mesadeluz/incluir.asp?HP=1>



Das fotografias e imagens de satélite nos atlas escolares geográficos

O primeiro atlas para o qual lançamos miradas foi o de Ferreira (1998; 2010). Da primeira para a terceira edição tivemos um aumento considerável de imagens, tanto de fotografias quanto de imagens oriundas do Sensoriamento Remoto. Nos quadros 3, 4 e 5 destacamos os assuntos nos quais as fotografias e imagens do Sensoriamento Remoto foram empregadas em cada uma das referidas edições. Neste atlas as imagens (fotografias comuns, fotografias aéreas oblíquas e imagens de satélite) foram utilizadas da seguinte forma: representação do relevo; relações entre as imagens de satélite e os mapas; e mapas temáticos concernentes às regiões brasileiras (físico e político), à vegetação, à população e ao uso da terra no Brasil. As fotografias também foram empregadas para abordar aspectos políticos e físicos da África, América do Norte

e Central. As imagens do Sensoriamento Remoto foram timidamente inseridas nesta primeira edição, ao contrário deste mesmo atlas em sua terceira edição, conforme informações apresentadas no quadro 4. De modo geral, o número de imagens quase triplicou da primeira para a terceira edição, havendo um emprego maior das imagens de satélite, visto que estas são facilmente obtidas em plataformas como *Google Earth*, ao contrário das fotografias aéreas verticais.

Quando se compara para cada uma das edições as temáticas nas quais as imagens foram empregadas constata-se que são as mesmas, no entanto, para assuntos vinculados à geografia física, na terceira edição, foram acrescentadas mais fotografias comuns e imagens de satélite. Há inclusive um glossário ao final do atlas, tomando fotografias para construir *passagens facilitadas* (Cazetta, 2005; Oliveira Jr., 2011) entre a definição dada pela palavra escrita e o que é apresentado nos enquadra-



mentos fotográficos.

Nas duas edições deste atlas as fotografias (comuns e aéreas oblíquas coloridas) são comumente empregadas junto às coleções de mapas, geralmente do lado esquerdo de cada mapa de superposição. A coleção de mapas se trata, na verdade, da legenda dos mapas de superposição. A tipologia da vegetação brasileira é apresentada, por exemplo, a partir do

mapa de superposição, seguido de uma coleção de oito mapas menores e oito fotografias coloridas - cada uma delas, correspondendo a um tipo de vegetação da coleção de mapas. Somente a fotografia que apresenta a *Floresta Amazônica* trata-se de uma fotografia aérea oblíqua, tirada em ângulo alto, mergulhando-nos na mata densa. Analisarei, neste texto, as imagens da primeira edição.

Quadro 3. Atlas Geográfico: espaço mundial (Graça Maria Lemos Ferreira) - 1ª edição

Temas/Fotografias	Página	Fotografias por página
Relevo: representação	2	03
Vegetação	13	08
Hidrografia	14	02
População	17	06
Uso da terra	22	06
Região Norte físico	28	01
Região Norte político	29	01t
Região Nordeste físico	30	01
Região Nordeste político	31	01
Região Sudeste físico	32	01
Região Sudeste político	33	01



Temas/Fotografias	Página	Fotografias por página
Região Sul físico	34	01
Região Sul político	35	01
Região Centro-Oeste físico	36	01
Região Centro-Oeste político	37	01
América físico	38	01
América político	39	01
América do Norte e Central físico	42	01
África físico	54	Imagem orbital
África Político	55	01
Planisfério Físico	68	03
Planisfério Geologia	69	02
Total de fotografias	45	

Elaboração: Cazetta, 2012.

Quadro 4. Atlas Geográfico: espaço mundial. (Graça Maria Lemos Ferreira) - 1ª edição. Imagens de Sensoriamento Remoto

Sensoriamento Remoto	TEMAS	Página	Imagens por página
Fotografias aéreas verticais	Relevo: representação	2	01
Imagens de satélite	Da imagem ao mapa	3	01
Total de imagens	02		

Elaboração: Cazetta, 2012.



Quadro 5. Atlas Geográfico: espaço mundial. (Graça Maria Lemos Ferreira) - 3ª edição.

Temas/ 3ª Edição	Sub Temas	Número de imagens			Pági- nas do Atlas	
		Fotografias		Imagens orbitais		
		comuns	aéreas			
			oblíquas			verticais
Da paisagem ao mapa			1		6	
Da imagem ao mapa		1		1	8	
Relevo: representação		2	1		15	
Dinâmicas da crosta terrestre		5		1	16 e 17	
Planisfério	Geologia		2		21	
	Riscos e ameaças			2	28	
	Urbanização			1	44	
América	Imagens de satélite			3	62 e 63	
	Físico		1		64	
	Político		1		65	
América do Norte e Central	Físico	1			66	
América	Imagens	6	3	1	76 e 77	



311

Temas/ 3ª Edição	Sub Temas	Número de imagens			Pági- nas do Atlas	
		Fotografias		Imagens orbitais		
		comuns	aéreas			
			oblíquas			verticais
África	Imagens de satélite				4	78 e 79
	Físico				1	80
	Político		1			81
	Imagens	9	2			84 e 85
Europa	Imagens de satélite				4	86 e 87
	Imagens	6	3		2	92 e 93
Ásia	Imagem de Satélite				4	94 e 95
	Imagens	5	7			108 e 109
Oceania	Imagens	1			4	112
Antártida	Imagem de Satélite				1	113



312

Temas/ 3ª Edição	Sub Temas	Número de imagens			Pá g i - nas do Atlas	
		Fotografias		Imagens orbitais		
		comuns	aéreas			
			oblíquas			verticais
Regiões Polares					1	115
Brasil	Imagens de Satélite				5	116 e 117
	Vegetação	5	3			125
	Hidrografia	2				127
	População	5	1			131
	Uso da terra					
	Amazônia	1				
Região Norte	Físico	1				154
	Político		1			155
Região Nordeste	Físico	1				156
	Político		1			157
Região Sudeste	Físico	1				158
	Político		1			159
Região Sul	Físico		1			160
	Político		1			161
Região Centro-Oeste	Físico		1			162
	Político		1			163



Temas/ 3ª Edição	Sub Temas	Número de imagens			Pá g i - nas do Atlas	
		Fotografias		Imagens orbitais		
		comuns	aéreas			
			oblíquas			verticais
Brasil	Imagens	5	6		164 e 165	
	Imagens de satélite			7	166	
Total de Imagens		56	40	2	42	140

Elaboração: Cazetta, 2012.

No mapa temático acerca da *Hidrografia* são empregadas duas fotografias com a finalidade de dar visualidade às legendas dos tipos de rios abordadas neste atlas: perene e temporário. Estas duas fotos nos chamam atenção. O primeiro destes planos supostamente, um rio, desdobra-se até a mata, uma pessoa remando e uma construção ribeirinha. Em contraposição a esta foto, temos aquela

que apresenta o rio temporário. Mesmos elementos: ser humano, barco e pequenas lagoas, cuja cor azul se confunde com o azul da linha do horizonte. Nesta foto, e de acordo com a indumentária, uma mulher caminha. O barco está (abandonado?) sob a areia. Seria para dar a ver o conceito de "rio temporário"? Porém, há lagos naturais, cujas cores são distintas do rio apresentado como "rio perene"



- barrento. Não tratar-se-ia de algum lugar situado no litoral? Esta foto não teria sido deslocada de um contexto para outro completamente diferente neste atlas? De que maneira nossas memórias visuais darão continuidade a estes rios, extrapolando os enquadramentos-fotográficos-clichês ou a foto-conceito?

Mais fotografias no mapa *Brasil: População*, das quais tem sem a impressão que foram obtidas de mirantes. Miradas já conhecidas. Os distanciamentos adensam a paisagem na fotografia, tornado próximo o que é distante geograficamente. Por meio destas fotografias torna-se difícil precisar a densidade demográfica (habitantes por km²) dos lugares nos mapas e vice-versa. Além disso, há determinados locais em uma cidade que podem ter densidades demográficas variadas. A sequência das fotografias se dá seguindo a ordem crescente da densidade demográfica, da menor para a maior, isto é, a Amazônia (menos de 2,0 habitantes por km²), Macapá (de 2,0

a 10,0 habitantes por km²), Cuiabá (de 10,1 a 25,0 habitantes por km²), Belém (de 25,1 a 50,0 habitantes por km²), Ribeirão Preto (de 50,1 a 280,0 habitantes por km²) e São Paulo (mais de 280,0 habitantes por km²). Destacamos a fotografia da Amazônia. Enquadramento fotográfico frontal, apresentando uma palafita com suas janelas e porta, supostamente, abertas (não encerradas) e com vegetação circundante, dando aspecto de um modo de vida primitivo, rústico. Somos sabedores também de que a Amazônia trata-se de uma extensa área na América do Sul, estendendo-se por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela; é delimitada, no Brasil, por uma área denominada *Amazônia Legal*; refere-se a um bioma que, no Brasil, ocupa 49,29% do território.

Por que à densidade demográfica mais baixa do Brasil foi associada à fotografia mencionada acima, estabilizando a complexidade



que o conceito *Amazônia* envolve? Por que, ao contrário das outras densidades demográficas, cujas fotos se remetem a determinadas cidades brasileiras, no caso da Amazônia, optou-se por uma foto que apresenta-a como “primitiva”?

No caso do mapa temático *Brasil: Uso da terra* há um conjunto de seis fotos frontais coloridas, legendando as variáveis: *grande agricultura comercial exclusiva* (fotografia de um homem apanhando cacau com uma vara); *grande agricultura comercial predominante* (fotografia de algum tipo de cultura; no centro da foto há um *pivot*, espécie de um sistema de irrigação, cruzando a linha do horizonte); *pequena agricultura comercial e de subsistência* (fotografia apresentado um tipo de cultivo, supostamente mandioca pelo aspecto das folhas); *pecuária melhorada* (na foto nos é dado a ver o confinamento de gado); *pecuária primitiva* (gado solto em uma área de pastagem séquida); e *extrativismo vegetal* (fotografia

apresentando cortes em espirais no tronco de uma seringueira com um recipiente preso em seu tronco para armazenar a cola que escorre pelas veias abertas nessa árvore), porém no caso da região norte, além da extração da borracha, ocorre também extração de castanhas e madeira.

Avanço agora para os dez mapas regionais do Brasil, distribuídos entre os temas: físico (ou hipsométrico) e político. Para cada mapa político há uma fotografia aérea oblíqua colorida de cidades consideradas importantes no cenário brasileiro. Para a região norte, a foto situada na parte superior esquerda da página, se reporta à Manaus e seu porto flutuante; para a região nordeste, a foto - situada na parte inferior direita da página - faz menção à “Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), às margens do Rio São Francisco (Ferreira, 1998, p.31). No centro desta foto há um trecho do Rio São Francisco, a *Ilha do Fogo* e a ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra, ligando as cidades de



Petrolina e Juazeiro. Mas qual dos dois trechos refere-se à Petrolina ou Juazeiro? No mapa da região sudeste, a fotografia situada na parte superior esquerda da página, apresenta parte da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Mais adiante temos a região sul e uma fotografia na parte superior esquerda do mapa, apresentando “Florianópolis, o continente e a Ilha de Santa Catarina” (Ferreira, 1998, p.35)? Mas qual trecho diz respeito ao continente ou a Ilha? A fotografia que apresenta a região centro-oeste, (situada do lado direito superior do mapa) refere-se à Brasília.

Para apresentar os mapas físicos regionais, as fotografias são todas frontais, trazendo peculiaridades de cada uma das cinco regiões. No caso da região Norte, uma fotografia (situada na parte superior esquerda do mapa) apresenta o “Encontro dos rios Negros e Solimões”; para a região nordeste, trata-se de uma fotografia (situada na parte direita inferior do mapa), com os dizeres “Açude de Orós,

no rio Jaguaribe”, mas o mapa não nos dá a ver aonde este açude situa-se. Outros mapas e fotografias seriam necessários para apresentar as geografias da *Geografia oficial*. A foto (situada na parte superior esquerda do mapa) que acompanhando o mapa físico da região sudeste, trata-se de um enquadramento sobre a “Serra do Mar, Mata Atlântica e Rodovia dos Imigrantes”. A região Sul, apresentada por uma fotografia (situada na parte superior esquerda) com gado e pastagem, possui os dizeres “Relevo suave e campos na Campanha Gaúcha”. E o mapa, de acordo com a legenda, apresenta a região constituída por um relevo bastante acidentado e com altitudes variando entre 100 a 1200 metros. Há no canto superior direito do mapa físico da região Centro-Oeste, uma fotografia da Chapada dos Guimarães, mas trata-se de alguma área vinculada ao ex-município de nome homônimo à chapada ou uma pequena porção da unidade de conservação do Parque Nacional da Chapada dos Gui-



marães? No mapa não há menção a ela, embora um ponto vermelho no mapa ilustrativo, abaixo, da foto localize-a.

A utilização destes tipos de fotografias (frontal e aérea oblíqua) repete-se ainda nos mapas físicos e políticos da América, América do Norte e Central, África e Planisfério. No caso do mapa físico da América, acompanha-o uma fotografia do Canyon do Rio Colorado (EUA). No mapa político, há um enquadramento fotográfico da Ilha de Manhattan (EUA). Somente uma fotografia do Canal do Panamá acompanha o mapa físico da América do Norte e Central. No mapa físico da África, há uma imagem

orbital *Landsat*, destacando o Delta do Rio Nilo e por sua vez, no mapa político, há uma foto do canal de Suez.

Ao folhear o *Novo Atlas Geográfico do Estudante*, me chamou atenção a escolha estética encontrada neste atlas. As fotografias empregadas integram o conjunto das páginas ímpares (da direita), dando visualidade a determinados mapas temáticos, os quais aparecem nas páginas pares (da esquerda). Por meio dos quadros 6 e 7, apresento as temáticas para as quais as fotografias e imagens orbitais foram utilizadas.

Quadro 6. Novo Atlas geográfico do estudante (Gisele Girardi e Jussara Vaz Rosa)

TEMAS/FOTOGRAFIAS	Página	Fotografias por página
Aspectos da vegetação: Brasil	27	12
Aspectos regionais - Região Norte - Brasil	43	09
Aspectos regionais - Região Nordeste - Brasil	47	09



TEMAS/FOTOGRAFIAS	Página	Fotografias por página
Aspectos regionais - Região Sudeste - Brasil	51	09
Aspectos regionais - Região Sul - Brasil	55	09
Aspectos regionais - Região Centro-Oeste - Brasil	59	09
Aspectos da América	93	09
Aspectos da América	98	09
Aspectos da América	99	09
Aspectos da África	103	09
Aspectos da Europa	107	09
Aspectos da Ásia	111	09
Aspectos da vegetação: mundo	125	10
Total de fotografias		121

Elaboração: Cazetta, 2012.



TEMAS/IMAGENS ORBITAIS	Página	Imagens por página
Legenda de referência das imagens de satélite	61	17
Brasil: regiões metropolitanas	63	1
	65	1
	67	1
	69	1
	71	1
	73	3
	75	3
	77	3
	79	6
	81	5
83	2	
Total de imagens		44

Elaboração: Cazetta, 2012.

Os “Aspectos da vegetação: Brasil” são apresentados por meio de doze enquadramentos fotográficos para legendar e adensar significados acerca dos dez tipos de vegetação apresentadas no mapa da página anterior a das fotografias. A seguir, comento o conjunto destas fotografias a partir da diversidade de miradas, que mudam a depender da comunicação visual que se deseja obter da vegetação

brasileira. Identifico neste conjunto de fotos aquelas obtidas: do alto, em *contra-plongée* e frontais. Dentre as fotografias frontais, destacam-se aquelas que se referem ao “Cerrado”, “Mata dos Cocais”, “Mata Atlântica”, “Campos em Bagé”, “Mata de araucárias”, “Manguezal” e “Jundu”, chamando atenção os exemplares de cada tipo de vegetação que, supostamente, dariam a ver o que seria, de fato, ● Cerra-



do, a Mata dos Cocais e assim por diante. As legendas destas fotografias-exemplares dos tipos de vegetação existentes no Brasil terminam por conceituá-los/defini-los. No caso da única fotografia em *contra-plongée*, há aquela que apresenta a Caatinga por meio de cactos (em primeiro plano) e galhos ressequidos (em segundo plano) – geralmente estes elementos são os mais utilizados para caracterizar este tipo de vegetação ou, melhor dizendo, são elementos a partir dos quais fomos educados visualmente a conceber a caatinga. À medida que nos detemos nesta foto somos transportados, simultaneamente, por meio dela ao céu. Será que este tipo de fotografia em *contra-plongée* repetir-se-á em outros atlas no que se refere a este aspecto da vegetação, isto é, à temática da caatinga? Assim, bastaria apresentar somente algumas espécies (ou exemplares) deste tipo de vegetação para dar a idéia de que toda a extensão territorial apresentada no mapa, ao lado direito destas foto-

grafias, “caberia” naquele enquadramento fotográfico; a caatinga “verdadeira” e “legítima” de ser lembrada quando se fala, por exemplo, em nordeste brasileiro. Uma foto ou um conjunto delas tem, assim, constituído nossas memórias visuais acerca do que venha ser a região nordeste - formado por nove estados (Maranhão, Piauí, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe).

No que dizem respeito às fotografias aéreas oblíquas, estas foram empregadas com a finalidade mais generalista/panorâmica e, assim, temos os “Campos inundáveis no Pantanal”, a “Floresta Amazônica” e sua “Campinarana” (arquipélago de Anavilhanas). Mergulhemos nossos olhos nestas fotografias. Tomemos um avião para os *Campos inundáveis*. Ao desprezar a legenda, esta foto poderia compor nossas memórias visuais acerca do que seria a floresta amazônica, dados os elementos nela presentes: lagoas (supostamente



naturais) e vegetação densa. A educação visual que se tem desta região geralmente possui mais aderência com fotografias da fauna pantaneira do que sua vegetação, afinal, é importante que determinadas memórias visuais perpetuem-se através da produção e seleção de somente alguns ícones, restringindo, assim, a ampliação de nosso repertório imagético-cultural. Ao nos determos na legenda desta fotografia surge um estranhamento, pois a mesma diz "É possível encontrar espécies típicas do cerrado, de florestas ou campos na diversidade de espécies vegetais do Pantanal. As áreas mais baixas ficam inundadas nos períodos das cheias. Nos períodos secos, surgem gramíneas que formam uma pastagem natural." Não há vinculação nenhuma entre a foto e a legenda.

São fotografias que estão ali para ratificar uma geografia das áreas mencionadas. Não há tensão imagética; a seleção de fotografias realizada, no banco de dados do fotógrafo Fábio Colombini, para compor parte

deste atlas é para ratificar ainda mais uma memória imagética já posta em circulação pelas obras educativas e *mass media*. Além disso, a foto "Campinarana (arquipélago de Anavilhanas)" não apresenta um arquipélago, não cumprindo o suposto motivo pelo qual as fotografias estão nos atlas: "ilustrar" a tipologia da vegetação brasileira.

Dentre as temáticas apresentadas em fotografias frontais, destacam-se "Cerrado", "Mata dos Cocais", "Mata Atlântica", "Campos em Bagé", "Mata de araucárias", "Manguezal" e "Jundu". Chama atenção nestas fotografias o detalhamento, quando comparadas com as fotografias anteriormente comentadas. No caso desta tipologia de vegetação, basta apresentar exemplares fotografados com mais detalhes. No caso da fotografia que apresenta o manguezal, têm-se raízes respiratórias ou pneumatóforas, ocorrência típica de ambientes alagadiços. Porém, a vegetação de mangue é muito mais complexa do que simplesmente



apresentar raízes respiratórias. No repertório de imagens do site www.olharimagem.com (acesso em 10/02/2011), o mesmo utilizado para a edição deste atlas, quando realizei a busca por “manguezal”, aparecerem 54 fotografias. Cabe ressaltar que este tipo de vegetação ocorre em quase todo litoral brasileiro, havendo diferenciações a depender da geografia da região.

O atlas de Simielli (33ª edição, ano de 2011), traz tanto fotografias (comuns e aéreas oblíquas coloridas), quanto imagens de satélite, conforme o quadro, abaixo, ao contrário da

19ª edição (ano de 1996), na qual não havia nenhum tipo de imagem.

As fotografias comuns neste atlas foram empregadas para dar visualidade somente aos mapas temáticos sobre vegetação (Planisfério e Brasil). As outras cinquenta e duas fotografias foram utilizadas no *Glossário e Curiosidades geográficas* com o intuito, provavelmente, de criar *passagens facilitadas* entre os conceitos e os conhecimentos sugeridos por elas. Todos os conceitos apresentados no *Glossário Geográfico* estão vinculados à geografia física – ver quadro 9.

Quadro 8. Geoatlas (Maria Elena Simielli) - 2011

TEMAS/FOTOGRAFIAS	Página	Fotografias por página
Planisfério: Vegetação	24	9
Brasil: Vegetação natural	110	9
Glossário geográfico	148	4
	149	6
	150	5
	151	3
	152	3
	153	5



TEMAS/FOTOGRAFIAS	Página	Fotografias por página
Curiosidades geográficas	156	4
	157	4
	158	2
	159	8
	160	1
	162	3
	163	4
Total de fotografias		70

Elaboração: Cazetta, 2012.

Quadro 9: Geoatlas (Maria Elena Simielli) - 2011

Glossário Geográfico	
Açude	Geleira
Baía	Golfo
Cabo	Ilha
Cachoeira	Istmo
Cadeia de montanhas	Lago
Canal	Lagoa
Catarata	Laguna
Chapada	Maciço
Colina	Montanha
Cordilheira	Monte
Córrego	Pântano
Coxilha	Península
Depressão	Pico
Deserto	Planalto
Enseada	Planície
Escarpa	Ponta
Estreito	Ribeirão
Fiorde	Serra
Fossa oceânica	Vulcão

Org.: Cazetta, 2012.



É interessante perceber que para os conceitos de *baía*, *golfo*, *istmo* e *pensínsula* empregaram-se imagens orbitais, porque a linguagem fotográfica, neste caso, não possibilitaria a realização de uma educação visual potente na passagem entre estes conceitos e a visualidade dos mesmos, em decorrência do ponto de vista da fotografia comum e da fotografia aérea oblíqua. Por isso, talvez, a escolha dos autores e/ou editores pela utilização das imagens orbitais, porque possibilitam apresentar os conceitos de maneira mais “completa”. Considerei o sentido da palavra “completa” pelo fato de a escala/resolução espacial das imagens orbitais possibilitarem a apreensão da paisagem em escalas mais generalizadas, as quais abrangem imagetivamente grandes porções do espaço e com menos detalhes em relação às fotografias aéreas verticais ou oblíquas, possibilitando, assim, a passagem entre o conceito e sua apreensão de modo mais direto, do que se fosse apresentada, por exemplo, por fotografias aéreas oblíquas ou foto-

grafias comuns. Vale ressaltar que o raciocínio em várias escalas trata-se um dos primados do pensamento geográfico.

Por sua vez as *Curiosidades Geográficas* foram apresentadas fotograficamente por meio das seguintes temáticas:

- *As dez maiores aglomerações urbanas do mundo*: Tóquio; Nova York, Cidade do México, Mumbai, Jacarta, Los Angeles, Seul, São Paulo, Manila e Délhi;
- *As sete maravilhas do mundo antigo*: Pirâmides de Gizé (Egito), Jardins Suspensos da Babilônia (Iraque), Templo de Ártemis e Mausoleu de Halicarnasso (atual Turquia), Estátua de Zeus (Grécia), Colosso de Rodes (Grécia), e Farol de Alexandria (Egito); e
- *As sete maravilhas do mundo moderno*: Grande Muralha (China), Petra (Jordânia), Coliseu (Itália), Pirâmide de Chichén Itza (México), Machu Picchu (Peru), Taj Mahal (Índia) e Cristo Redentor (Brasil).

No que diz respeito às imagens orbitais, estas foram empregadas para os temas explicitados no quadro 10.



Quadro 10. Geoatlas (Maria Elena Simielli) – 2011

TEMAS/IMAGENS ORBITAIS	Página	Nº de imagens de satélites por página
Mapas ontem e hoje	6	1
Planisfério: Imagem de satélite	16 e 17	1
América: Imagem de satélite	38	1
América: Imagens de satélites	39	4
África: Imagem de satélite	50	1
África: Imagens de satélites	51	4
Europa: Imagem de satélite	60	1
Europa: Imagens de satélites	61	4
Ásia: Imagem de satélite	76	1
Ásia: Imagens de satélites	77	4
Oceania: Imagens de satélites	90	3
Antártida: Imagens de satélites	93	3
Brasil: Imagem de satélite	96 e 97	1
Da imagem ao mapa	98 e 99	1
Brasil: Distrito Federal	140 e 141	1
Brasil: principais regiões metropolitanas	142 e 143	1
	144	2
	145	1
	146	2
	147	2
Glossário geográfico	148	1
	151	2
	152	1
Total de imagens orbitais		48

Elaboração: Cazetta, 2012.



Nos atlas do IBGE (2007) e de Vincenzo Raffaele Bochicchio (2003), as fotografias foram utilizadas com finalidades semelhantes ao do atlas de Ferreira (1998); as fotografias aparecem para dar visualidade aos mapas temáticos vinculados à geografia física, de acordo com os quadros 11 e 12. Convém destacar que as fotografias são legendadas para produzir significados que adensem os mapas; as fotografias empregadas para compor a narrativa dos atlas são obtidas, necessariamente, por meio de banco de dados. Nesse sentido, os contextos geográficos, onde estas fotografias foram realizadas raramente coincidem com os mapas e quando são empregadas nos atlas, ocorre um deslocamento do significado para adequar-se aos mapas temáticos de maneira que uma única foto pode adensar como ideia de verdade toda a extensão territorial, transformada em mapa temático. O significado e sentido das fotografias transbordam para além do enquadramento fotográfico, capturando

como verdadeiro tudo aquilo que não foi concretamente enquadrado, quando do ato fotográfico. Talvez o que possa ajudar a explicar o uso de imagens em mapas temáticos vinculados à geografia física seja decorrente do fato dos conceitos da Geografia Física serem mais difíceis de serem imaginados e compreendidos sem a utilização de imagens, pois tratam-se de acontecimentos geológicos e geomorfológicos difíceis de serem apreendidos conceitualmente somente por meio da palavra oral ou escrita.

Não se trata de ser contra ou a favor o emprego das fotografias nos atlas. O que apresentamos aqui sinaliza a potência da linguagem fotográfica para uma educação geográfica que transcenda o emprego das fotografias e das imagens do Sensoriamento Remoto com fins meramente ilustrativos. Trata-se de criarmos experiências educativas **com** e não **contra** os mapas, mas considerando a cartografia uma linguagem eivada de ficções fundacionais, porque por mais “verdades que procuramos



e defendemos existe sempre uma ficção, ou uma série de ficções, gregariamente assumidas com propósitos vitais: trata-se de ficções fundacionais, das quais haverá que avaliar, em

todo o caso, os benefícios e os inconvenientes que possam trazer à vida (à vida de um indivíduo, de um povo, de uma cultura)” (Pellejero, 2009, p.13).

Quadro 11. Atlas Geográfico Escolar – IBGE (2007)

TEMAS	Página	Fotografias por página
Nosso lugar no Universo: o homem no espaço	11	03
A formação dos continentes: atividades sísmicas	13	01 imagem orbital
01		
Altitude	19	01
01 fotografia aérea vertical		
Sistema de Posicionamento Global (GPS)	20	01
Dinâmica da litosfera: estrutura geológica	57	01
A Terra e o uso de seus recursos: Florestas originais e florestas remanescentes	63	06
Brasil: Federação e território		
Político	90	01
Pontos extremos e fronteiras	91	03
Diversidade ambiental: relevo	98	05
Diversidade ambiental: retração da vegetação nativa	102	01
Diversidade ambiental: unidades de conservação (Parques e reservas nacionais 2002)	106	03



TEMAS	Página	Fotografias por página
Diversidade ambiental: unidades de conservação (estações, áreas e florestas nacionais 2002)	107	02
Diversidade ambiental: fauna ameaçada de extinção (mamíferos, répteis e anfíbios 2005)	108	07
Diversidade ambiental: fauna ameaçada de extinção (aves 2005)	110	08
Diversidade ambiental: parques e terras indígenas	112	02
Espaço econômico: ocupação da terra pela agropecuária (1995-1996)	126	01
Espaço econômico: culturas temporárias 2003	128	02
Espaço econômico: culturas permanentes 2003	129	02
Espaço econômico: café (2002)	130	02
Espaço econômico: pecuária (rebanho bovino 2003)	131	01
Espaço econômico: pecuária (aves 2003)	132	02
Espaço econômico: agrotóxicos (2000)	133	01
Urbanização e gestão ambiental: urbanização (2000)	145	02
Urbanização e gestão ambiental: regiões metropolitanas (2005)	147	04
Urbanização e gestão ambiental: acesso ao serviço de água (2000)	148	01
Total de imagens (Fotografias e imagens do Sensoriamento Remoto)		65

Org.: Cazetta, 2012.



TEMAS	Página	Fotografias por página
Planisférios		
A conquista do espaço	8 e 9	10
Planisfério Físico	10	01
Biomass terrestres	16	10
Desenvolvimento social	22	01
Educação	23	01
Saúde	24	01
Urbanização	25	01
Religiões e línguas	26 e 27	04
Comércio	34 e 35	06
Índices econômicos	36 e 37	05
Transporte e circulação	38	02
América do Sul		
Clima, Vegetação, Geologia e Solo	44 e 45	08
População, Transporte, Energia e Economia	46 e 47	08
Américas do Norte e Central		
Clima	50	04
Vegetação	51	04
Geologia	52	04
Solo	53	04
População	54	04
Transporte	55	04
Energia	56	04
Economia	57	04



TEMAS	Página	Fotografias por página
Ásia		
Vegetação	66	01
Geologia, solo	67	01
População, Transporte	68	03
Energia	69	01
África		
Clima, Vegetação	72	04
Geologia, Solo	73	04
População, Transporte	74	04
Energia, Economia	75	04
Oceania		
Clima, Vegetação	78	02
Geologia	79	01
População, Transporte	80	02
Energia, Economia	81	02
Geopolítica	84, 87, 88, 89	06
Brasil		
Região Norte físico	94	01
Região Norte político	95	02
Região Nordeste físico	96	03
Região Nordeste político		
Região Centro-Oeste físico	97	03
Região Centro-Oeste político		
Região Sudeste físico	98	03
Região Sudeste político		
Região Sul físico	99	03
Região Sul político		



TEMAS	Página	Fotografias por página
Brasil: Bacias hidrográficas	104	01
Brasil: Vegetação	106	02
Brasil: Agropecuária	109	02
Brasil: Indústria e PIB	111	04
Brasil: Parques e terras indígenas demarcadas	116	02
Brasil: Urbanização	117	01 Imagem orbital 01 foto comum
Brasil: regiões metropolitanas		
Distrito Federal	119	01
São Paulo Rio de Janeiro	120	02
Belo Horizonte		
Porto Alegre	121	02
Curitiba Salvador	122	03
Fortaleza Recife	123	02
Santos Campinas Vitória	124	01
Total de imagens (Fotografias e imagens do Sensoriamento Remoto)		164

Org.: Cazetta, 2012.



Considerações Finais

O emprego das fotografias e das imagens do Sensoriamento Remoto na confecção dos atlas escolares a partir da última década do século XX e seu incremento no começo do século XXI aponta algumas reflexões importantes para educação geográfica. Primeiro, a premente necessidade de libertarmos os mapas do arquétipo da representação e daquilo que seja geográfico; a representação foi concebida como sendo a espacialização e as características derivadas desta associação foram atribuídas ao próprio espaço (2009). Daí deriva que qualquer trabalho vinculado àquilo que seja geográfico tenha que ter, supostamente, mapas. Diante da impossibilidade de os mapas serem a cópia fiel do espaço, as fotografias foram inseridas nos atlas para dar visualidade e legitimidade ao “espaço” cartografado. Mas estas mesmas fotografias deslizam os sentidos dos mapas e delas próprias na medida em que apresen-

tam recortes do espaço geográfico, específicos e deslocados no tempo e no espaço. As fotos não possuem data, são atemporais. E os mapas paralisaram o tempo na superfície lisa do mapa como sendo o próprio espaço. Incongruências das linguagens cartográfica, fotográfica e do Sensoriamento Remoto? Provavelmente não! Eis aí a ficção – fruto de uma educação visual oriunda da Renascença, criadora das ficções fundacionais, sob as quais agitamos nossos desejos e esperanças da deriva. Não há como escapar das capturas do pensamento espacial quando elegemos uma fotografia para compor nossas obras, mas talvez seja possível fazer com elas o mesmo que uma criança faz ao olhar para uma imagem: a prática do “se”; “se” o mapa fosse uma jangada, eu conheceria a “casa”, onde meus bisavós nasceram.



Referências Bibliográficas

333

ALMEIDA, Milton José de. *Cinema: arte da memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. Educação, linguagens: texto e imagens. In: OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de e MARTINS, Maria do Carmo. *Educação e cultura: Formação de professores e práticas educacionais*. Campinas: Alínea, 2012. p.61-80.

ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). *Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

CAZETTA, Valéria. *Práticas educativas, processos de mapeamento e fotografias aéreas verticais: passagens e constituição de saberes*. 2005. Tese (Doutorado em Geografia), IGCE, UNESP, Rio Claro. 189f.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 3. ed., 2002.

_____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. MACIEL, Ilda Pareto e HAESBAERT, Rogério. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. *Caderno Cedes*, n.54, ago. 2001. p.28-40.



OLIVEIRA JR, Wencesláo Machado de. *Fotos em sites: geografias da cultura contemporânea*. *Geografafares*, nº 7, p.9-21, 2009.

PELLEJERO, Eduardo. *A postulação da realidade* (filosofia, literatura, política). Lisboa: Edições Vendaval, 2009.

Atlas geográficos citados

ATLAS Geográfico Escolar. 4ª Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

BOCHICCHIO, Vincenzo Raffaele. *Atlas Mundo Atual*. São Paulo: Atual, 2003.

FERREIRA, Graça Maria Lemos. *Atlas Geográfico: espaço mundial*. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. *Atlas Geográfico: espaço mundial*. 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2010.

GIRARDI, Gisele e ROSA, Jussara Vaz. *Novo atlas geográfico do estudante*. São Paulo: FTD, 2005.

SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 19ª Ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Geoatlas*. 33ª Ed. São Paulo: Ática, 2011.

